

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: QUAIS CORPOS DÃO VIDA À ESCOLA?

Adriana Gotens Antunes ¹

Marilda Oliveira de Oliveira ²

Cíntia Medianeira Bitencourt de Lima ³

RESUMO

Qualquer corpo pode dar vida à escola? Ou há corpos que não se sentem pertencentes ao espaço escolar? Quais memórias imateriais estão imbricadas em cada lugar material da escola? Estas são algumas das questões reverberadas dos trabalhos dos estudantes do nono ano durante a realização do Estágio Supervisionado 2 no ano de 2024. Neste texto, almeja-se relatar a experiência da proposta que envolveu uma caminhada pela escola e a realização de fotografias em preto e branco do ambiente escolar, as quais receberam intervenções analógicas com colagens de imagens e palavras. Ao conceber a fotografia como linguagem que não representa a realidade, mas sim a transforma (FLUSSER, 2011), e, ainda, tomando o potencial criador como processo que afeta o mundo de quem cria (GARLET; CARDONETTI; OLIVEIRA, 2022), buscou-se trabalhar com o conceito de pertencimento (Bruniera, 2016). A exploração de tais pressupostos foi amplamente percebida no espaço escolar: desde o pertencimento relatado na fotografia de uma árvore até nos registros da quadra de esportes ou da própria sala de aula. Outro referencial relevante para pensar essa prática é o conceito de “rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), discutido por Reichert (2023), já que não se percebe apenas a aula como acontecimento, mas a própria caminhada realizada pela escola e, também, a prática da colagem, que ia, por si só, acionando memórias e processos de criação rizomáticos. Como resultado dessa experimentação docente, é possível destacar o entrelaçamento das memórias estudantis acionadas pela fotografia ao fazer escolhas de espaços de pertencimento afetivo em ambiente escolar.

Palavras-chave: Artes Visuais, escola, fotografia, pertencimento, memória.

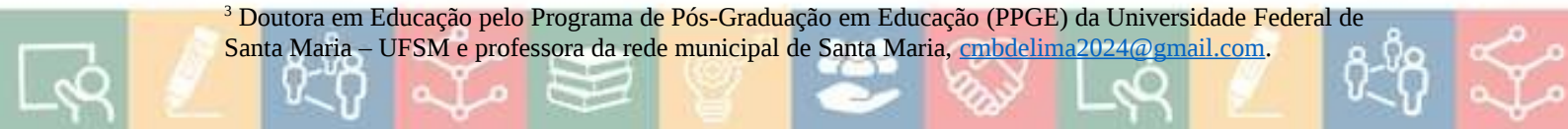
INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO: de que corpo(s) é feita uma escola?

Quais corpos criam a escola? Em quais momentos tais corpos se sentem pertencentes na constituição deste espaço? Quais memórias e sentimentos imateriais estão imbricados em cada lugar material da escola? Quais criações podem ser realizadas para que os estudantes pensem acerca de seu pertencimento neste ambiente que lhes acompanha por tantos anos? Ao lançar um olhar atento aos trabalhos de intervenções em fotografias e aos relatos de memórias dos estudantes do nono ano que me acompanharam durante o Estágio Supervisionado 2, essas

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, adriana.antunes@acad.ufsm.br;

² Professora titular do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e doutora em História da Arte pela Universidad de Barcelona, Espanha, marilda.oliveira@ufsm.br;

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e professora da rede municipal de Santa Maria, cmbdelima2024@gmail.com.



são as indagações que se revelam em minha memória. Na presente escrita, portanto, pretendo partir de tais provocações a fim de relatar a experiência de uma proposta que envolveu a realização, minha e dos estudantes, de fotografias em preto e branco de espaços da escola, os quais receberam intervenções analógicas com colagens. Nesse processo, pensando de que(m) é feita a escola, concebo não apenas a aula como um acontecimento, mas a própria caminhada que fizemos pelo espaço escolar e a prática de colagem, que ia, por si só, acionando memórias e processos de criação rizomáticos. Este caráter rizomático se dá porque, apesar de possuírem ideias prévias do que realizariam na colagem, os estudantes iam descobrindo uma multiplicidade de visualidades possíveis ao observarem os materiais e compartilharem, entre si e comigo, as memórias da/na escola. Assim, sem restrições e delimitações de caminhos a serem seguidos nas conversas e na realização das colagens, se cria, de fato, um rizoma de múltiplas e singulares perspectivas do espaço escolar. Espaço, esse, que é transformado pelo pertencimento de cada ser que ali circula e atribui sentido ao seu processo de ensino-aprendizagem ao criar uma relação de afeto com esse ambiente tão importante e no qual estão presentes tantas horas, durante tanto tempo.

A escrita parte da metodologia de relato de experiência e objetiva conduzir proposições para pensarmos na relevância de olhar para os trabalhos dos estudantes e para as nossas memórias no espaço escolar de maneira questionadora. Para tal exercício, foram selecionados referenciais teóricos acerca da linguagem da fotografia nas Artes Visuais como forma não de representar, mas de transformar a realidade (FLUSSER, 2011); acerca dos conceitos de memória e pertencimento na escola (BRUNIERA, 2016); referentes ao processo de criação com imagens como prática que (re)cria o entorno dos estudantes (GARLET; CARDONETTI; OLIVEIRA, 2022) e, ainda, referente aos conceitos de rizoma e acontecimento (DELEUZE; GUATTARI, 1995), também discutidos por Reichert (2023) em uma perspectiva pedagógica.

METODOLOGIA

Nos apontamentos aqui realizados, como estudante de Licenciatura em Artes Visuais e orientada pela professora de Artes regente na escola, Cíntia Medianeira de Lima, e pela professora da disciplina de Estágio na universidade, Marilda Oliveira de Oliveira, aproprio-me da metodologia de relato de experiência, apostando nela como forma de partilhar e manter em movimento as memórias e ponderações acerca de práticas no Ensino de Artes Visuais.



Nesse processo, partindo de conversas que tivemos coletivamente em sala de aula, são consideradas vivências, memórias e percepções subjetivas que o trânsito pela escola, a prática de fotografias desse espaço e a realização de colagens suscitaram em mim e nos estudantes. Para a escrita do presente relato, aproprio-me das memórias e daquilo que me afetou de duas aulas conduzidas no Estágio Supervisionado 2 em uma turma de nono ano. O plano de aula que propõe especificamente a prática aqui relatada emergiu e justificou-se considerando que os estudantes estavam no nono e, portanto, último ano que a escola oferece. A maioria deles está ali desde o início do Ensino Fundamental e, dois meses após a idealização desta aula, suas vidas seguiriam diferentes caminhos. Apesar do seguimento das vidas e da inserção dos estudantes em novos ambientes escolares para a realização do Ensino Médio, cada um, certamente, deixou sua marca na escola e carregou as vivências desse espaço consigo.

Ainda, realizei novas conexões entre texto e imagem, inserindo registros de alguns trabalhos dos estudantes, os quais não pretenderam ser ilustrativos, mas sim disparadores para que possamos pensar a potência do mundo que cada um, à sua maneira e subjetividade, criou a partir da fotografia que realizaram da escola. Nas Artes Visuais, tal prática de intervenção em fotografias (com colagem, pintura, bordado, escrita, desenho, etc) manifesta-se como uma possibilidade de lançar outros olhares, múltiplos, subjetivos e singulares, sobre e a partir de imagens. Assim, no trabalho de cada estudante inserido aqui, é criada uma outra visualidade para aquele espaço em que a fotografia foi realizada, atravessada por memórias, afetos e compartilhamentos de relatos. Salienta-se que, no processo, a prática fotográfica como forma de observar atentamente e conferir novos sentidos ao nosso entorno e, ainda, a posterior intervenção nas fotografias, são processos que tornam possível que nos questionemos acerca de: que efeitos o espaço da escola produziu em nosso corpo e como se efetivou o pertencimento de cada estudante no decorrer de anos frequentando um mesmo lugar.

Dessa forma, as fotografias que os estudantes realizaram de alguns espaços da escola com seus celulares não são ordinárias reproduções da realidade, mas sim pontos de vista singulares selecionados mediante o gesto de fotografar, que “[...] é gesto caçador” (FLUSSER, 2011, p. 56). Penso, aqui, em uma relação entre o ato de caçar, buscando uma fotografia a ser criada, e o próprio ato de caçar as memórias: caso não sejam “caçadas”, trazidas ao compartilhamento e reinventadas, memórias podem passar anos adormecidas e sem que lhes atribuímos sentidos. Visto que somos reféns da pressão do passar do tempo e da forma como a “correria” do dia a dia se efetiva, é possível que diversas das memórias acionadas pelos estudantes ao conversarmos sobre a escola não tenham sido discutidas anteriormente.



RESULTADOS E DISCUSSÃO: fotografia como transformação; entre processos de criação, rizoma, pertencimento e memória

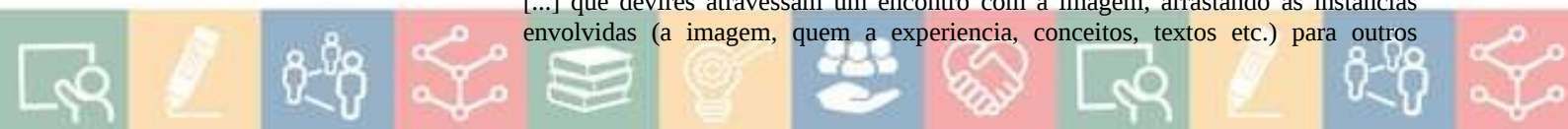
Figura 1: Colagem digital a partir de recortes das imagens dos trabalhos dos estudantes e reflexões escritas realizada pela autora Adriana



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

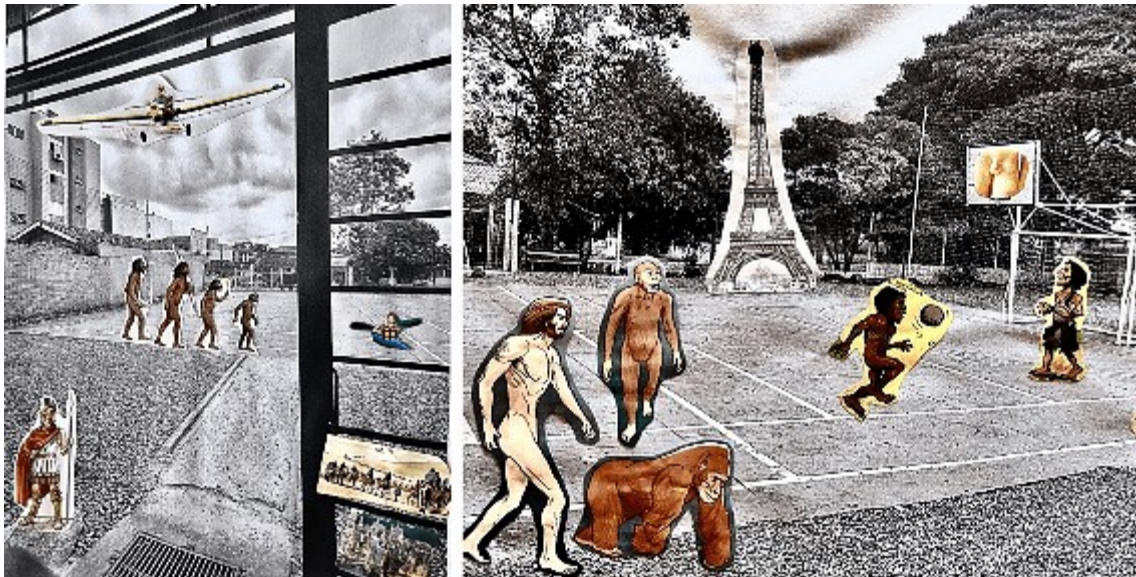
Como mencionado no tópico anterior, as imagens dos trabalhos dos estudantes aqui vistas compõem uma outra possibilidade de relação com este artigo para quem o lê, além da linguagem escrita. Esperamos, assim, que elas possam ser disparadoras de diferentes perspectivas e fontes que acionem memórias e tensionamentos referentes ao espaço escolar habitado por nós - sobretudo estudantes, educadores, gestores e licenciandos em formação. A colagem digital na figura 1, inserida anteriormente, foi produzida com recortes de fragmentos imagéticos dos trabalhos dos estudantes, os quais são colocados em relação com questionamentos que permearam a minha vivência no Estágio Supervisionado 2 e seguem sendo formas de (re)pensar e movimentar a prática docente. Assim, convidamos os leitores para que possam, atravessados por essas imagens e escritas, rememorar suas experiências no ensino de maneira a perceberem-nas como vivas e em constante recriação, a cada imagem, em todas as leituras, nas aulas, nos contatos com a escola... A imagem, nesse contexto, é percebida como objeto nunca estático e pensada partir dos seguintes questionamentos:

[...] que devires atravessam um encontro com a imagem, arrastando as instâncias envolvidas (a imagem, quem a experiencia, conceitos, textos etc.) para outros



possíveis e impossíveis? Que outras potências um corpo/pensamento experimenta no encontro com uma imagem? O que pode ser inventado a cada vez nessa relação? Em conexão com o quê uma imagem é convidada a variar? O que pode ser produzido e criado com o que escapa às disciplinas do olhar? O que nasce de uma impossibilidade de leitura da imagem? Que processos de criação podem ser acionados no encontro com uma imagem? Que planos de imanência e de composição podem ser traçados nesse encontro? (GARLET; CARDONETTI; OLIVEIRA, 2022, p. 10)

Figura 2: Intervenções em fotografia realizadas por estudantes do nono ano



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

Ao tratar de uma produção artística em fotografia ou, ainda, da colagem que parte de imagens preexistentes, há um termo que não pode ser esquecido: “encontro”. Fotografar, além de ato caçador, é ato que espera, o tempo todo, por um encontro. Enquanto movimentamos uma câmera pelo espaço que pretendemos fotografar, estamos diante de infinitas possibilidades passíveis de se concretizarem no momento em que, finalmente, apertamos o obturador da câmera. Esse ato final que cria, de fato, a imagem, é resultado de um encontro único que tivemos com aquilo que estava diante de nossa perspectiva no instante do registro da fotografia. Da mesma maneira, ao folhear um livro, um jornal ou uma revista em busca de imagens para realizar colagens, também nos colocamos na posição de quem está à mercê de um encontro, que, por sua vez, pode ocorrer repentinamente ao termos nosso olhar atraído por uma cor, um símbolo, uma forma, uma visualidade, uma memória. É como se ocorresse, realmente, uma espécie de “[...] renascimento (ou uma distinta cintilação) da imagem junto aos encontros que ela vai produzindo com leituras, escritas e outras imagens. Encontros implodem seu sentido costumeiro, fazendo-as renascer de seus pedaços, inaugurando outros (im)possíveis” (GARLET; CARDONETTI; OLIVEIRA, 2022, p. 8). Os encontros que os



estudantes tiveram com as imagens durante a colagem e com o espaço durante a realização das fotografias foram responsáveis por criar outros (im)possíveis àquilo que lhes afetou em seus processos de criação.

Figura 3: Intervenção em fotografia realizada por estudante do nono ano



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

Deleuze e Guattari (1995, p. 28), descrevem, em poucas palavras, um pensamento hierarquizado e que depende de uma unidade perante a metáfora de tratá-lo como uma árvore: "no Ocidente a árvore plantou-se nos corpos". Os autores, ao descreverem outra perspectiva a esse modelo arbóreo do pensamento, que está enraizado em nossa percepção, idealizam o conceito de "rizoma": uma forma de organização que prevê, em síntese, a multiplicidade, a escassez de hierarquias e a flexibilidade. Um exemplo disso poderia ser a grama, que cresce de maneira a ocupar o espaço horizontalmente, sem limites, sem um centro e sem hierarquias entre suas partes (diferentemente da árvore, que, por sua vez, cresce de maneira limitante, ordenada, hierárquica entre raiz, caule e folhas e centrada em si mesma). Na prática artística que aqui discutimos, ocorreram quatro momentos que se desenvolveram, de certa forma, como processos rizomáticos: o primeiro foi uma discussão acerca do sentimento de pertencimento no cotidiano dos estudantes na escola, o segundo foi a caminhada pelo ambiente escolar e a realização das fotografias e, por fim, entrelaçaram-se os últimos dois momentos, que foram a realização das colagens e o compartilhamento das memórias que haviam sido ativadas pela caminhada.



Em relação à escolha do espaço a ser fotografado e das colagens, eu, como estagiária, compartilhei que havia fotografado a sala de aula em razão de ter, com eles e naquele espaço, aprendido como cada um faz da sala de aula o que ela é, construída cada dia mediante um acontecimento diferente. Outra estudante escolheu a minha fotografia para realizar a colagem e propor que pensássemos como a sala de aula é semelhante às organizações primitivas dos seres humanos em volta de uma fogueira, colocada ao centro sobre uma classe. Já dois meninos fotografaram a quadra de esportes, pensando, cada um sob sua perspectiva, como cada relação ali criada é um universo em si mesma. Outra estudante fotografou a colega sentada em um banco que se encontra em frente à maior árvore que cerca a escola e, de maneira sensível e poética, inseriu a imagem de um balão acima de seu corpo. A caminhada pela escola, a conversa acerca das memórias que foram acionadas e as multiplicidades que foram feitas por cada estudante em sua prática artística se fizeram no “entre”: entre as imagens, os diálogos, os afetos, os encontros, os olhares, as atenções, as memórias... Os momentos que compuseram a prática fizeram-se livres da imposição de limites e permitiram que se produzisse e conversasse de maneira horizontal, flexível e entrelaçada, tal qual um rizoma:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. **A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’** Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36, grifo nosso).



A surreal collage of a classroom. In the foreground, a man in a crown stands on the left, and a man in a loincloth sits on the floor. A large fire burns on a desk in the center. In the background, a man in a loincloth stands near a desk, and a group of people are gathered around a large pot. The walls are covered in various drawings and posters, including a cow, a pig, and a man in a suit. The floor is covered in a patterned rug.

A conceitualização de “rizoma” anteriormente abordada também pode ser apropriada ao pensarmos acerca da relação da escola com as vivências de cada estudante. As vivências no espaço escolar poderiam ser sempre concebidas sob uma perspectiva de experiências rizomáticas, ao passo que não acontecem de maneira ordenada, centrada e hierárquica como o crescimento de uma árvore. Na escola, se cruzam e multiplicam diversas das instâncias que totalizam a vida. Ali, os sujeitos são atravessados pela cultura, pela história local, coletiva e individual, pelo processo de construção de conhecimento, pelas experiências e memórias subjetivas, pelas interações familiares, etc. É em vista disso que a escola só se faz escola porque há sujeitos que constituem seus percursos como estudantes e, assim, produzem e atribuem sentidos a esse espaço cotidianamente. Os trabalhos que estão inseridos ao longo deste texto, que são de estudantes do nono ano, os quais, em sua maioria, frequentaram a escola por mais de cinco anos, são prova de tal efetivação processual e rizomática.

Para que estudantes se constituam e reconheçam como sujeitos da aprendizagem, ou seja, sujeitos que são afetados e também afetam os processos educativos que florescem na escola, é necessário que ocorra o pertencimento. O ato de sentir-se pertencente está intimamente ligado às relações estabelecidas com as outras pessoas e com o próprio espaço e, assim, é justamente por isso que a prática aqui narrada conversa com tal conceito, já que nos faz pensar em cada sentimento e memória inscrita nas relações pessoais e nos fragmentos espaciais da escola. Observando o que uma estudante escreveu em sua colagem sobre uma fotografia do gramado em frente à escola (“um lugar onde memórias são criadas”), podemos



complementar que não apenas memórias são criadas nesse lugar, como também o próprio espaço e os seres que ali habitam são criados por elas. Isso porque, como escreve Bruniera (2016, p. 51), “[...] a escola enquanto espaço de construção de sentidos interfere no desenvolvimento do sujeito e promove contínuas interações entre os atributos da pessoa e as características dos contextos nos quais ela está inserida”. Outro pressuposto relevante acerca do pertencimento é que ele também ocorre mediante o sentimento de ser visto, de ter seu posicionamento respeitado e de se fazer como alguém que constrói o seu entorno. Em decorrência disso, é relevante que se atente para aquilo que procurei enfatizar com essa proposta de colagem: quais sentidos e percepções estão sendo atribuídas ao espaço escolar pelos estudantes.

Ao considerarmos a escola como um contexto importante de desenvolvimento é preciso **reconhecer os significados que os alunos produzem nas interações ali vividas**, a respeito de sua trajetória de escolarização. O modo como se veem, percebem seus atributos pessoais e suas interações, afeta os processos proximais que os constituem sujeitos da aprendizagem (BRUNIERA, 2016, p. 56, grifo nosso).

Figura 5: Intervenções em fotografia realizadas por estudantes do nono ano



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

Reichert (2023), ao tecer colocações acerca de conceitos de Deleuze e Guattari sob uma perspectiva pedagógica, discute o conceito de “acontecimento” em uma aula ou na escola. O acontecimento está relacionado com uma perturbação ao costumeiro, uma ruptura, um fato inesperado, que faz-nos ver como se fosse a primeira vez, como uma fissura na rotina. Na escola, somos capazes de vivenciar o acontecimento quando compreendemos que “[...] os



corpos (professores, alunos, sala, discursos...) se misturam e criam uma singularidade acontecimental, uma fissura na rotina: o Acontecimento do aprendizado” (REICHERT, 2023, p. 8). As fotografias e as colagens dos estudantes se constituíram como acontecimentos no momento em que foi proposto a eles que criassem a partir de imagens, ou seja, desafiando-lhes a transver aquele espaço que já viram tantas vezes sob uma outra perspectiva, como se fosse a primeira vez, desafiando o costumeiro, a rotina. Assim, as memórias do espaço escolar não são vistas como momentos passados estáticos e sem reverberações no presente, mas sim como acontecimentos em movimento que transformam o presente. Sobre esse conceito e suas faces na escola, podemos pensar que:

O Acontecimento nos diz sobre a vida e sobre o imponderável que há nas relações pedagógicas, nos mostra que podemos assimilar esse imponderável como quem olha para algo e vê a singularidade esperando para ser significada, atribuída sentido. **O Acontecimento nos diz que tudo sempre está em movimento esperando para ser notado, nos diz que as relações entre os corpos educativos são o Acontecimento pedagógico.** Nos diz que como educadores podemos admitir as fissuras e os desvios, que por meio das proposições algo pode acontecer, algo espera por acontecer (REICHERT, 2023, p. 11-12, grifo nosso).

De fato, como elucida o trecho supracitado, cada um dos corpos, das memórias, das imagens e dos espaços que compõem a escola estão sempre em movimento, por isso continuamente podem vir a ser um acontecimento. Cabe àqueles que fazem desse espaço um lugar vivo perceber a pluralidade de sentidos e afetos que se faz presente em uma aula ou em um momento na docência. Em uma aula e, mais especificamente, na realização de uma proposição em Artes Visuais, algo sempre espera por acontecer. Na prática aqui discutida, havia muito nos esperando: os espaços da escola estavam à espera de serem notados e fotografados, as imagens utilizadas nas colagens estavam à espera de serem capturadas, as memórias do espaço escolar estavam à espera de que as “caçassemos” na mente... Na escola, o movimento, a memória, as fissuras e os desvios existem o tempo todo.



Figura 6: Intervenção em fotografia da sala de aula do nono ano realizada pela autora Adriana



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, ao longo desta escrita, como sujeitos pertencentes ao cotidiano escolar, pensar “quais formas de existir no espaço da escola são possíveis?”. A questão é que não há como responder de maneira única tal proposição, ao passo que nossas existências são recriadas a partir do espaço e da ativação de memórias; aqui, nesta prática narrada, essa ativação se deu por meio da relação entre imagem e escrita. Ao partir da fotografia e da colagem como formas de transformar o entorno, a proposta discutida é apenas uma das muitas possibilidades de conversas e práticas que podem ser criadas em momentos de aula com estudantes para que possamos pensar acerca de nosso pertencimento e nossas memórias na escola. Afinal, são justamente essas imaterialidades que constituem o espaço escolar: a escola só é espaço vivo em decorrência da vida pulsante daqueles que ali habitam.

Dois são os pressupostos que fui capaz de aprender nas práticas com o nono ano. Em um primeiro momento, na caminhada pela escola e na produção das colagens, aprendi a conceber uma aula como um acontecimento de possibilidades rizomáticas e subjetivas. Ainda, ao olhar para os trabalhos finalizados e escutar os relatos de memórias dos estudantes, passo a perceber a criação com imagens como processo capaz de transformar visões preestabelecidas perante a criatividade. Na prática aqui narrada, atravessada pelos conceitos de memória e



pertencimento, a fotografia e a colagem foram recursos propostos para que pudéssemos, enquanto caminhamos, observamos e habitamos o ambiente escolar, nos questionarmos “quais corpos dão vida à escola?”. Convidamos, finalmente, aqueles que conduziram sua leitura até aqui, para que possam olhar para os trabalhos de seus estudantes de maneira atenta e ampliada, compreendendo suas produções como formas singulares de ver o mundo. Afinal, como problematiza a colagem da figura 6, é importante que recordemos que não apenas “a sala de aula é produzida por nós”, mas também a escola.

AGRADECIMENTOS

Na realização desta escrita, tomei a decisão de partir dos registros dos trabalhos dos estudantes como forma de lançar olhares aos múltiplos universos que existem dentro da escola, criados e recriados dia após dia por cada estudante que ali transitava. O ato de fazer a escrita emergir das colagens deles é prova de que nenhum percurso formativo ou acadêmico é solitário. Seremos, sempre, feitos por cada momento de ensino e aprendizagem e por cada pessoa que nos engrandece na docência. Nesse momento de finalização da escrita, já é evidente que não seria capaz de realizar os questionamentos aqui apresentados sozinha. Agradeço a cada um dos 21 estudantes do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Livia Menna Barreto que, além de produzirem trabalhos tão propositivos, fizeram da minha primeira experiência assumindo uma turma como estagiária memorável. Ainda, agradeço à professora da escola que me acompanhou no estágio e na escrita deste artigo, Cíntia Medianeira de Lima, por elucidar-me o papel tão transformador de uma artista-professora em um contexto escolar. Por fim, conduzo agradecimentos à professora da disciplina de Estágio Supervisionado 2 e também orientadora deste trabalho, Marilda Oliveira de Oliveira, pelos encontros sempre tão afetivos e criadores no pensamento acerca da prática na docência.

REFERÊNCIAS

BRUNIERA, David Salvador. **A Escola, Aprendizagem e Pertencimento**: significados atribuídos por alunos com baixo rendimento escolar no ensino fundamental II. 2016. 195 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.



DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: ANNABLUME, 2011.

GARLET, Francieli Regina; CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Processos de criação com imagens na educação das artes visuais. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, 2022.

REICHERT, Maiquel Cristian. Deleuze, educação e acontecimento: um percurso rizomático. **Revista Kalagatos**, Fortaleza, v. 20, n. 1, 2023.

